



ANDREA EICHENBERGER, DIVULGAÇÃO

# Ausente presença

*Squat, à Memória de Y* é um livro raro, constituído de um único exemplar composto por 47 fotografias intercaladas por um relato que evoca questões de caráter antropológico. A autora Andrea Eichenberger, artista e antropóloga catarinense nascida em Florianópolis, criou o projeto em 2013. *Squat* é um termo inglês também usado pelos franceses para designar a ocupação irregular de uma moradia vazia. A partir desse conceito, Andrea ocupou o apartamento parisiense de uma vizinha, uma senhora que morreu aos 90 anos. De posse das chaves, logo após a morte, a artista fotografou o espaço ainda carregado de memórias. O sociólogo alemão Alex Kraemer faz uma sensível leitura da obra que presta uma homenagem e discute a passagem de um “entre-tempo”.

Leia na página central.

# Sobre- VIVENTES

No dia seguinte à morte da vizinha, a artista catarinense Andrea Eichenberger passou a viver no apartamento da amiga. Ela registrou a experiência, que durou dois meses, no livro único *Squat*

POR ALEX KRAHMER, SOCIOLOGO  
FRIEDRICH-SCHILLER-UNIVERSITÄT JENA, ALEMANHA.

Quando uma pessoa nos deixa para sempre, as coisas que ficam para trás se transformam – tornam-se ‘sobre-viventes’. E durante essa metamorfose, ainda despercebida pelo mundo (exterior), essas coisas, reunidas no local abandonado, entram num “entre-tempo” de uma passagem estranha. De lá, elas podem luzir pela última vez e, nas vésperas de seu desaparecimento, essa aura do “ainda-não-desaparecido” torna-se testemunho do passado que se escapa.

Durante dois meses e meio, A. “ocupava” o apartamento de Y., sua vizinha já morta. Ela se instalava em meio a esses “sobre-viventes”, passava a observar, refletir e fotografá-los. Seu livro *Squat*, peça única inteiramente feita a mão, retém esse silencioso encontro e conta sobre esse entre-mundos, o “ainda-não-desaparecido”.

*Squat*, termo geralmente compreendido como uma ocupação temporária e ilegal de um espaço, envolve normalmente uma ação dramática e barulhenta. Pode se dar por uma motivação existencial ou política, pode chamar a atenção para condições miseráveis de moradia nas grandes cidades ou simplesmente se dar de forma discreta, por meio de ocupações espontâneas, de lugares dados como perdidos.

A., ela também, é uma ativista. En-

tretanto, apesar da ocupação ser “irregular”, suas motivações são paradoxais: em vez de ser guiada por fins políticos, o que a estimula é algo de caráter pessoal; em vez de fazer barulho, procura não chamar a atenção; em vez de simplesmente tomar um espaço, fabrica imagens do interior que, num primeiro momento, remetem ao tempo que passa.

“No dia 13 de fevereiro de 2013, decido ocupar o apartamento de minha vizinha. No dia seguinte, ocupo-o”. Na moradia, ainda brilha a vida que se apagara recentemente. “A ausência de Y.” é palpável, em tudo ainda há o seu rastro: nas dobras do sofá, na toalha de mesa amassada, nas portas entreabertas. Assim como o tic-tac das horas aponta a regularidade de uma vida ainda presente, falam as pantufas dispostas organizadamente ou uma bengala que espera perto da porta.

Não há muitos quartos, porém muitos relógios. Seu ritmo persistente instala um tempo sem história, começo ou fim. Do mesmo modo, o silêncio propagado pelo tic-tac cede lugar ao desaparecimento. Sob os relógios e fotografias, o passado remonta, em preto e branco. Y. viveu no 11º arrondissement de Paris desde que deixara a Bretanha ainda jovem. Ela passava a maior parte do tempo em seu bairro, em sua lo-

ja de roupas instalada no andar térreo do mesmo prédio em que morava, ou ainda passeando pela cidade com seu marido, cujos rastros ainda estão lá, 15 anos depois de sua morte.

Da janela do apartamento, ela podia acompanhar as transformações do bairro sem no entanto participar delas. Há cinco anos, ela conhecia A., sua nova vizinha de porta. Primeiros gestos, atentos, instalaram a confiança. Palavras por vezes compartilhadas fizeram crescer a amizade de uma vizinhança compassiva.

## OBJETOS COTIDIANOS FICAM PALPAVEL

Depois de Y. partir para sempre, A. entra como observadora nesse lugar que a ela já se abria anteriormente. Lá onde ela se sentava outrora, com a solitária e amável senhora, ela agora passeia com sua máquina fotográfica, numa tensão carregada de espera. Atenta, olha, se instala em meio a esses “sobre-viventes”, recolhe “as marcas de uma passagem”, constrói “a memória de um encontro”. Questiona as silenciosas testemunhas de uma ausência que ainda não deixou escapar toda a presença.

“Compro-lhe uma flor. Ela adorava flores”. Entre as fotografias de uma vida

fanada, a presença pujante de uma flor branca. Essas imagens, pálidas, carregam em si sinais de mudanças que não deixam A. indiferente. Mas elas também aparecem como um selo protetor: o tempo curto da vida de uma flor é confrontado a essa passagem ainda não finalizada. O declínio da flor, seu ritmo natural, contrastam com a indiferença do tic-tac dos relógios. “A ausência de Y. está ali, cada vez mais presente. A ela me habito”. “Para que uma coisa seja interessante, basta olhá-la por muito tempo”. (Flaubert)

O “ainda-não-desaparecido” de Y. torna-se o que há de mais “próximo” à lente e à abordagem fotográfica. Se no início a câmera se aproxima do espaço de forma hesitante, propondo clichês “panorâmicos”, aos poucos os elementos ganham espaço com a presença dos detalhes. Às vezes o olhar se concentra em um objeto, fica por ali um momento e deixa, assim, emergir a intimidade com o local. Os objetos da vida cotidiana tornam-se palpáveis. As dobras da toalha de mesa, o porta-correspondências, os relógios revelam segredos ao olhar investigador. Como se a lente se aproximasse dos objetos na busca por uma mensagem clara. Ela se aproxima e isola, “mais e mais”.

Quando o olhar curioso pensa chegar

a uma distância apta ao toque, em que os objetos parecem tangíveis, essa impressão se altera abruptamente. Fotografias dos papéis de parede ou da pintura das mesmas, feitas em close, tornam as coisas inacessíveis e banem de vez a proximidade. A textura do papel de parede, as superfícies fotografadas com uma pequena distância rompem finalmente o contato com o “ainda-não-desaparecido”. E assim como o “ainda visível” se volatiliza lentamente, o observador se vê projetado, graças a esses closes, em uma distância já mais anônima.

Quem olha tem a impressão de se encontrar em um simples apartamento antigo, parisiense, mobiliado e banal, aguardando uma renovação necessária. Os closes das paredes fazem com que seu olhar atravessasse a fronteira das sensações e se abra a um campo perceptivo mais sóbrio (mais “sociológico”). A vida ainda percebível em seu calor e doçura recua diante de uma curiosidade fria, a de um visitante preocupante. Mesmo que este consiga tirar a tranquilidade do lugar, o espaço fica mudo, guarda para si suas mensagens delicadas. E enfim, atrás das cortinas fechadas da última imagem do livro, o apartamento parece já se transformar em uma presa desarmada, a espera de uma próxima ocupação.

“Ainda brilha a vida que se apagara recentemente... falam as pantufas dispostas organizadamente ou uma bengala que espera perto da porta” escreve Andrea Eichenberger (foto abaixo)



ANDREA EICHENBERGER, AQUINO PESSOAL



Capa do livro *Squat*, peça única feita inteiramente a mão



A senhora, dono do apartamento, adorava flores. A flor branca é pujante e chama a atenção da artista, a ponto de a imagem ilustrar a capa do livro



O tic-tac das horas aponta a regularidade de uma vida ainda presente

FOTOS ANDREA EICHENBERGER, DIVULGAÇÃO